

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

O TEATRO DO GRAND-GUIGNOL DE PARIS [1897-1962]: SOB A PERSPECTIVA DA CONTEMPORANEIDADE NO TRABALHO DA CIA VIGOR MORTIS

Raphael Cassou

Raphael Cassou | Mestrado

Linha de Pesquisa | PMC

Orientador | Prof Dr Walder Gervásio Virgulino de Souza

Ator, Iluminador e pesquisador. Bacharel em Artes Cênicas com Habilitação em Teoria do Teatro pela UNIRIO.

Mestre em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGAC/UNIRIO). Desde 2010 desenvolve trabalhos em torno do Teatro do Grand-Guignol traduzindo e adaptando textos teatrais do gênero.



**O TEATRO DO GRAND-GUIGNOL DE PARIS [1897-1962]:
SOB A PERSPECTIVA DA CONTEMPORANEIDADE NO TRABALHO DA CIA VIGOR MORTIS**

Raphael Cassou

Profª Drª Walder Gervásio Virgulino de Souza | Orientador

O medo pode ser considerado como uma das emoções primárias dos seres e, não obstante, um produto da evolução da vida. No reino animal, todos os seres vivos desenvolvem um mecanismo de defesa contra os perigos que os ameaçam em seu ambiente. Na Natureza, onde cada ser vivo pode servir de alimento para o outro, as relações de predação e de defesa se tornaram o mais importante, com o único intuito de sobreviver. O medo é a emoção que desencadeia o mecanismo de defesa instintivo e que induz comportamentos de sobrevivência na presença do predador.

Mas afinal, por que as pessoas gostam de sentir medo?

O medo, apesar de se tratar de um sentimento angustiante é uma ferramenta natural do organismo humano e cumpre a função de proteção essencial para a perpetuação da espécie. Entre as ações que proporciona no corpo, a emoção descarrega adrenalina e coloca o cérebro em estado de alerta. Quando direcionamos o olhar para narrativas que contém violência e terror, vivenciamos esse estado de medo e nosso corpo responde com dois sentimentos antagônicos: angústia e prazer. Não é difícil encontrar pessoas fascinadas por histórias que envolvam mistério e suspense. Ao entrarmos em contato com esse tipo de narrativa, seja por meio de livros, do cinema ou até mesmo em apresentações teatrais, o medo que é despertado em nós é prazeroso, pois estamos nos dispondo a encarar algo que até então era inimaginável. É como se nos colocássemos à prova ante o perigo sem de fato correremos um risco iminente. Portanto, aventurar-se no desconhecido pode ser encarado como uma maneira de autossuperação.

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO



Rúbia Romani. *Debutante Sangrenta* (2013). Foto Marco Novak

Atualmente, podemos recorrer a diversos recursos e atividades para atender a essa demanda. Saltos de paraquedas, voos de asa-delta, esportes radicais e até mesmo podemos recorrer às salas de cinemas. Não obstante, os filmes de terror continuam a atrair boas audiências. Mas, em uma época na qual o cinema ainda não dispunha de mecanismos para criar hiperrealidades, havia um lugar, localizado em uma rua escondida de Paris para onde, dia após dia, arrastavam-se centenas de pessoas ávidas, em busca de fortes emoções. Esse lugar foi, durante muito tempo, a atração favorita dos estrangeiros e das pessoas de outras cidades francesas que vinham ao local para por à prova seus medos e temores. Esse lugar era o *Théâtre du Grand-Guignol*.

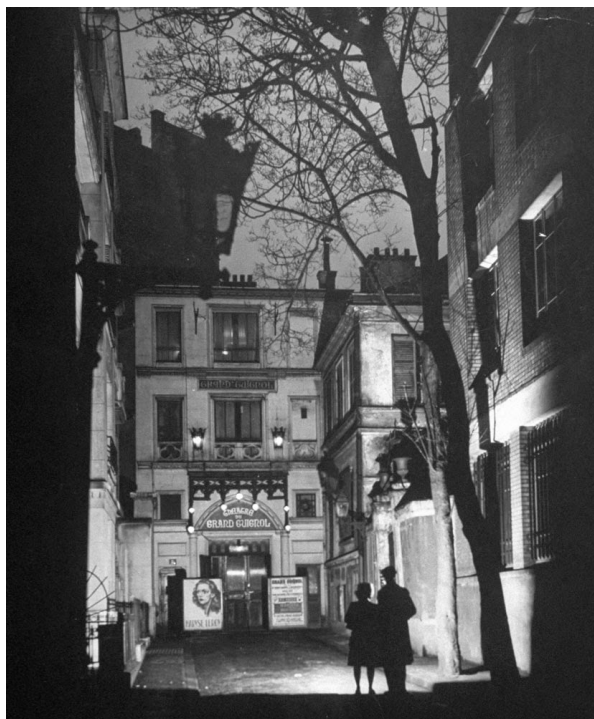
O Grand-Guignol foi o nome de um teatro parisiense situado na Rua Chaptal número 20, no distrito de Montmartre, bairro boêmio que ficou conhecido mundialmente por abrigar diversos cabarés, teatros e ateliês, sendo considerado um dos polos de maior efervescência da Belle Époque. O Teatro do Grand-Guignol foi inaugurado em 1897 e funcionou de forma quase ininterrupta até o ano de 1962. Sua especialidade eram os espetáculos que se caracterizavam pelo tom macabro e pela violência, o sucesso

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

alcançado foi tanto que espalhou-se por vários países da Europa e foi uma das grandes inspirações do cinema de horror britânico, americano e do cinema expressionista alemão. O termo “Guignol”, originalmente, era o nome dado a um fantoche, criado em Lyon (França) no final do século XIII e que se popularizou por fazer sátiras políticas e que pode ser também reconhecido por seu equivalente inglês, *Punch and Judy*.



Teatro do Grand-Guignol. Vista Frontal. Fonte: Life Magazine

O termo “Grand-Guignol” foi escolhido pelo dramaturgo Max Maurey que rebatizou o Théâtre-Salon de Paris, em 1897 com o nome que viria posteriormente alcançar a notoriedade. O teatro já funcionava como a oficina das experiências de Oscar Métenier, dramaturgo do Théâtre-Libre, que defendia a abolição dos limites impostos pelas convenções cênicas em voga, na busca de maior autenticidade na ficção. Esta era a principal premissa para uma concepção do espaço teatral baseada numa reorganização da realidade das cenas, até aquele momento, concebidas em relação diretamente frontal ao público. Paralelamente às inovações estruturais da direção recém-surgida, mudavam também os próprios conteúdos das representações, influenciados pela poética do teatro

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

realista. As inovações do Théâtre-Libre começaram a ser metabolizadas – ainda que não compreendidas – por um público burguês que, em um certo sentido, começou a sintetizar as ilusões propostas e investigadas pela nova estética. Atingido o sucesso de público, Métenier aproveita para ousar ainda mais, ao explorar emoções suscitadas nos espectadores por situações escabrosas de dramas realistas, exageradas ao extremo.

Involuntariamente, Oscar Métenier havia criado o gênero Grand-Guignol. Essa dramaturgia nasce, portanto, das premissas das poéticas melodramática e realista. As situações temáticas eram levadas às extremas consequências – característica herdada do melodrama – e pontuadas como representação exasperada de uma suposta degeneração moral e material das classes sociais menos favorecidas. Depois de uma fase realista inicial, o Grand-Guignol passou a empregar elementos na insígnia da loucura. Tratam-se de dramas cruéis e violentos, onde depravações se disseminam, além de torturas e delitos, sempre com a predileção pelo horror. Em seus últimos anos de existência, o Grand-Guignol passa a utilizar temas sádico-eróticos-cômicos.



*Cia Vigor Mortis. Duplo Homicídio na Chaptal 20 – Crime no Manicômio.
Rúbia Romani, Eliane Campelli, Raquel Rizzo e Guenia Lemos.
Foto: Marco Novak*

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas PPGAC/UNIRIO

A partir do que aqui foi exposto, esta dissertação apresenta os resultados obtidos pela pesquisa revisitando o Teatro do Grand-Guignol pelo viés da contemporaneidade, enfocando o trabalho continuado da Cia Vigor Mortis, que a mais de uma década se dedica a explorar as possibilidades do Grand-Guignol comprovando sua resistência e persistência enquanto gênero teatral. Aqui apontamos traços característicos da proposta original daquele teatro, cujo auge se deu em meados da década de 1920.

REFERÊNCIAS:

BISCAIA FILHO, Paulo. **Palcos de Sangue**. 1a edição, Belo Horizonte: Editora Estronho, 2012.

CARROLL, Noël. **A Filosofia do Horror ou Os Paradoxos do Coração**. Campinas/SP: Papirus, 1999.

DEÀK, František. Theatre du Grand-Guignol. In: **The Drama Review**, mar. 1974, pp. 8-15.

FERNANDES, Silvia. **Teatralidades Contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

GORDON, Mel. **The Grand-Guignol: Theatre Of Fear And Terror**. New York: De Capo Press, 1988.

PIERRON, Agnes. **Le Grand-Guignol: Le Théâtre des peurs de la Belle Époque**. Paris: Robert Laffont, 1995.